

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREDISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1900

SUMMÁRIO

- O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCobaça: 65.
PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA: 74.
D. ELVIRA LOPEZ: 75.
MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA: 79.
ALCobaça ARCHEOLOGICA: 79.
NOTÍCIAS ARCHEOLOGICAS DO SECULO XVIII: 81.
BIBLIOGRAPHIA: 87.
ANDRÉ DE RESENDE: 87.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 90.
CONGRESSO DE NUMISMATICA: 93.

Este fascículo vae illustrado com 7 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 3

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

Imprimindo este singelo trabalho, realizo um pensamento de nove ou dez annos e uma promessa de seis.

O pensamento nasceu, logo que o anno me deparou, na Bibliotheca Nacional, os documentos a que dou agora publicidade, e que são hoje o unico vestigio que existe do precioso calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: a promessa, consignei-a em carta que dirigi ao Sr. Dr. Sousa Viterbo, a proposito de um seu interessante estudo intitulado *As joias de D. Ignez de Castro e o calice de Alcobaça*, carta que esse incansavel e consciencioso investigador do nosso passado artistico fez inserir em o n.º 46 d-*A Semana de Lisboa* (Novembro de 1893), folha onde, pouco antes, havia apparecido aquelle estudo (n.º 42 e 43).

A suspensão da serie *Historia da Arte em Portugal*, que saia no Porto sob a direcção do sr. Joaquim de Vasconcellos, e á qual eu destinara o presente trabalho; o extravio do primitivo manuscrito, e a difficuldade de achar tempo, no meio das minhas variadas occupações, para de novo copiar os documentos que encontrára—explicam a demora havida em entregar ao público esta insignificante contribuição para a historia das artes decorativas em Portugal.

Dezembro de 1899.

I

Em muitos dos numerosos conventos do nosso país, especialmente nos que eram de fundação regia, accumulavam-se preciosidades artisticas do mais alto valor:—peças de ourivezaria e obras de talha, quadros e illuminuras, tecidos e bordados, tapessarias e mobiliario...

O poderoso mosteiro cisterciense de Alcobaça, fundado por D. Afonso Henriques e largamente protegido por quasi todos os nossos monarchas, encerrava a mais surprehendente riqueza de arte. Á exten-



dos seus domínios territoriaes; ás prerogativas do dom abbade; á belleza architectonica de muitas das partes do edificio — correspondia um valiosissimo recheio de obras de ourivezaria, alfayas, quadros, livros com illuminuras.

Uma das peças mais notaveis do thesouro do convento, era um primoroso calix de ouro, com figuras em relevo, esmaltes e pedras preciosas.

Tres versões corriam á cerca da sua origem.

Segundo uma, o precioso vaso teria sido feito das joias da formosa e desventurada Ignez de Castro, doadas ao convento por D. Pedro I.

Acha-se memoria d'ella em um *chronicon* exarado na primeira página do codice n.º 104¹ da *livraria velha*, ou manuscrita, de Alcobaca (*Homilias* de Origenes):

«Calicem aureum cum patena, qui est in thesauro, donavit rex Petrus, ex armilla et pendentibus domne Ignez de Castro, inclite regine Portugaliæ et Algarbii, pro cuius anima donata fuit villa de Parades».

São, porém, evidentemente apocryphos, tanto este como os outros registos do alludido *chronicon*, escripto no seculo XVI, mas affectando o character da letra do codice, que data do seculo XIII. Duas pennas se fizeram cargo de, no proprio logar, desmascarar o falsario. Adverte uma: — *«Falso narrata et ignave scripta»*; e outra: — *«Littera decimi sexti sæculi, fecte scripta, et falso narrans»*. O auctor do indice impresso dos codices alcobacenses, quando descreve o que tem o n.º 104, tambem diz, em referencia ás memorias da primeira página: — *«... secunda manu addita videntur»*².

Afirmavam outros que o famoso calix proviera de joias legadas ao mosteiro por D. Affonso II³.

¹ Tem actualmente na Bibliotheca Nacional o n.º 360.

² Pag. 62.

³ D. Sancho I legára ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a sua copa de ouro (*copam meam auri*), para que d'ella se fizesse uma cruz e um calix, o que se cumpriu, constituindo a cruz um exemplar interessantissimo, que tem figurado em diversas exposições e se conserva no gabinete de numismatica e antiguidades do paço da Ajuda. D. Affonso legou, é certo, algumas joias ao mosteiro de Alcobaca, mas sem clausula: — *«Et mando monasterio Alcopacie omnes meas sortelias maiores et minores, et annulos quos habueru in die mortis mee»*.

Que differença haveria entre *annulus* e *sortelia*? Ducange, no seu *Glossarium*, dá a ambos os vocabulos a significação de *anuel*. *Sortelia* (*de sort*), latim barbaro, a que corresponde em português *sortelha*, em hespanhol *sortija*, era, primitivamente, um anel de character religioso e talismânico: vid. *Revista Lusitana*, II (1890-92), 261 (artigo de Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos); Viterbo, *Etucidario*, II, 331; e Teixeira de Aragão, *Anéis*.

A fl. 5 de um *Livro das rendas, fazenda, propriedades e fóros* do convento de Alcobaça¹ organizado em 1530, encontra-se, num inventario da prata e ouro da sacristia, mandado fazer pelo cardeal-infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel e abbade-commendatario de Alcobaça, a verba seguinte:

«Um caliz d'ouro, lavrado de figuras enlevadas, e todo esmaltado de côres, com sua pedraria de rubis, esmeraldas e saphyras; e a patena tambem d'ouro, esmaltada; muito rico; que pesou todo junto nove marcos d'ouro.»

E, á margem, esta nota, de lettra moderna, anterior, porém, a 1713, anno em que d'ella e de outras passagens referentes ao caliz, se extrahiu certidão no cartorio de Alcobaça, como adeante se verá:

«El-rei D. Affonso II deixou a este mosteiro todas as suas joias e aneis, como consta do seu testamento, que está no 1.º livro dos «dourados», fl. 15. D'estas joias se devia de fazer o caliz d'ouro, e não das joias de D. Ignez de Castro, como alguns velhos diziam; pois não consta pelas escripturas d'el-rei D. Pedro que as taes joias se dessem a este mosteiro.» Fr. Paulo Brundão.

Asseveravam outros, enfim, que o precioso caliz fôra dadiva do cardeal-infante D. Affonso, ou de el-rei D. Manoel, quando, na menoridade de seu filho, governou o mosteiro.

Tambem d'esta opinião se encontra registo nos codices alcobacenses. Na última página do codice n.º 212² (obras de Rufino e de Santo Isidoro), ha um registo, — especie de chronicon, — de lettra do sec. XVI, á cêrca de varios successos relacionados com a historia do convento, entre elles a morte do cardeal D. Affonso. Na memoria referente a este último facto, memoria tres vezes impressa (uma, por Fr. Angelo Manrique, no tomo II dos seus *Annales cistercienses*, serie dos abbades de Alcobaça, pag. 11; outra, por Jorge Cardoso, a fl. 666 do tomo II do *Agiologio lusitano*; e outra, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, a pag. 45 das *Provas e Adições da sua historia chronologica e critica da Real Abadia de Alcobaça*) — lê-se o trecho seguinte:

«..... chorus suo tempore initium sumpsit, et facta ad usque est perductus; nec non et domus sacraria, hæc est sacristia, suis diebus fuit constructa; et calix aureus mirifice elaboratus; studia quoque litterarum ipse introduxit; et infirmitarium facere jussit».

¹ Tem na Torre do Tombo o n.º 212.

² N.º 375 na Bibliotheca Nacional.

No inventario que citei e que tem a data de 3 de Dezembro de 1536, ha igualmente ¹ uma verba, annotada, que se liga com esta última conjectura. Eis a verba:

«Dous galhetas de prata, douradas, grandes, que servem com o calix d'ouro; as quaes deu o cardeal iffante, nosso senhor; e pexaram seis marcos e meio e uma onça».

À direita, na columna destinada á indicação abreviada do pêsso, a seguinte observação, por lettra do seculo XVII:

«Estão já desfeitas e consumidas».

Agora, as notas marginaes, de lettras diversas: Diz a primeira, da penna, evidentemente, de quem lavrou a que já copiei e Fr. Paulo Brandão subscreveu:

«D'aquí se collige que o cardeal D. Affonso não deu o calix d'ouro, pois se não faz menção d'isso, e, allás, se declara expressamente que dera galhetas para servirem com elle; e, mais abaixo, no fim d'este inventario, se explica que deu uma arquinha de prata, para estar n'ella o Santissimo Sacramento»².

Outro monge contestou:

«Pela memoria antiga que está no fim das obras de Rufino³, se vê que o cardeal-iffante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel, deu o calix de ouro».

E outro ainda:

«Vide livro dos obitos, fls. 81 e 82⁴».

¹ A fl. 5 v.^o

² «Uma arquinha de prata, toda branca, com um vidro deante, a qual mandou o cardeal, nosso senhor, pera estar o Santo Sacramento; e não se pesou por estar com este impedimento». (Fl. 7).

³ Allusão ao chronicon de que já transcrevi a parte em que se falla do calix.

⁴ Nem na Torre do Tombo, nem na Bibliotheca Nacional, nem na livreria da Academia Real das Sciencias, se encontra este obituario. Numa *Reflexões historicas* de Fr. Manoel de Figueiredo, á cerca das lettras que se vêem em diversos pontos do calix, — trabalho a que adiante me referirei, — cita-se, porém esse livro, informando-se que fôra organizado em 1690 por Fr. Benedicto de S. Bernardo, e que este monge attribuiu igualmente o calix ao cardeal D. Affonso.

Fr. Benedicto, ou Bento, de S. Bernardo, foi cartorario, e, depois, bibliothecario, de Alcobuça, e elaborou um summario do cartorio (1672) e um catalogo da livreria (1684). — Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, 1, 499.

Esta terceira hypothese é, chronologicamente, a verdadeira. Em inventario mais antigo, feito a 28 de Abril de 1519, por outro de 6 de Junho de 1510¹, mencionam-se dois calices de ouro, nenhum dos quaes, — pôde quasi affirmar-se, — é aquelle de que nos occupámos, porque nem de um nem de outro se diz que tivessem esmaltes e figuras em relevo, e não é crível que estas evidentissimas circumstancias fossem omittidas, porque eram ellas, principalmente, que assignalavam e enriqueciam o calix.

O inventario de 1536 não as desprezou, como vimos. No de 1519, a verba respectiva aos calices de ouro é assim redigida:

«Item—Dous calezes d'ouro: um, grande, com sa patena de pedraria com o dito caleze e lavrados de finagrana, com aljofre, meos nove pedras no pé; e na maçã fallecem dezanove pedras. E o aljofre nom se conta, porque é muito miúdo. E na patena fallecem seis pedras, e é desoldado. E o pequeno é todo cheio. Os quaes calezes nós vimos, e são ricos e muito roaes».

Mas o argumento decisivo é o caracter da patena, que todos ainda conhecemos. Tanto os lavrados de buril como os esmaltes, indicavam de modo claro e positivo que essa joia de ourivezaria datava do seculo XVI, do periodo da Renascença. Para mais, o esmalte da face superior, que representava a ceia de Christo, era, segundo me informa o Sr. José Queiroz, cópia de Alberto Dürer (1471-1528).

Que, porém, o calix fosse dadiua do cardeal-infante, é que me parece contestavel. Não que deva ligar-se grande importancia ao facto de não ser mencionado como tal no inventario de 1536, ao passo que das galhetas e do cofre de prata se regista haverem sido offerta sua. Todos que conhecem documentos d'essa indole e d'esses afastados tempos, sabem que, em geral, não primam pelo methodo nem pela coherencia. Mas a circumstancia de não figurarem no inventario de 1536 os dois calices descriptos no de 1519 leva-me a suppôr que a congregação os houvesse vendido (talvez como sucata), para adquirir o outro, tanto mais que de um d'elles, — do maior, — se dizia em 1519 estar *desoldado*.

A ser assim (o que de nenhum modo pôde, é claro, asseverar-se), o precioso calix teria sido aquisição da propria communidade cister-

¹ Torre do Tombo, *Corpo chronológico*, parte 1.ª, maço 24, doc. 65. Publicou-o na integra o Sr. Dr. Sousa Viterbo, em complemento do seu estudo sobre a exposição de arte ornamental, inserto no *Boletim da Sociedade da Geographia de Lisboa*, 3.ª serie, pag. 565.



ciense, embora durante o governo, e, acaso, por iniciativa, do cardeal-infante, o que bastaria para justificar a passagem do chronicon citado, a qual, rigorosamente, não implica a affirmativa de que houvesse sido dada de D. Affonso o calix de ouro:

«... domus sacraria, hoc est sacristia, suis diebus fuit constructa, et calix aureus mirifice elaboratus...»

Fosse, porém, como fosse, é evidente, — repito, — que essa notável peça de ourivezaria datava do século XVI.

Nenhum documento, nenhuma passagem de chronica, nos revela o nome do artifice. O sr. Joaquim de Vasconcellos, fundando-se no exame da patena, supõe o celebre calix obra allemã¹.

É avultado o número de ourives estrangeiros que em diversas epochas trabalharam em Portugal. Sabe-se que nos primeiros tempos da monarchia, exerciam entre nós a sua arte bastantes ourives arabes. Mestre Jozepe, «*ourives da rainha*», citado numa carta de D. Fernando; o ourives Salter, a quem foram, em 1421, aforadas umas casas em Santarem, não eram, de certo, portuguezes. Em 1457, approvava D. Affonso V a ordenança feita entre os ourives de Lisboa e os estrangeiros, assim da prata como do ouro, que nesta cidade viessem «*assentar suas tendas e usar seus officios*»².

No tempo de D. Manoel, trabalhou aqui um habilissimo ourives flamengo ou allemão, Johan van den Staygolstyt, designado entre nós, como Olivier de Gand e outros artistas estrangeiros, pelo nome proprio antecedido da palavra *mestre*.

Por um dos capitulos do testamento da rainha D. Leonor, publicados na *Chronica serafica* de Fr. Jeronymo de Belem³, sabe-se que é obra de *mestre João*, o notabilissimo relicario de ouro do convento da Madre de Deus, fundação da illustre princeza⁴; e de um alvará

¹ Exposição districtal de Aveiro (1882) — *Album*, 52, nota 3.

² Vid. o meu artigo sobre os calices bysantinos do Museu Nacional, em o n.º 4 da *Arte portugueza* (Lisboa, 1895).

³ Parte III, pag. 85.

⁴ Eis o capitulo: — «Item, deixo ao dito Mosteiro da Madre de Deos o Relicario que fez Mestre João, em que está o santo Lenho da Vera-Cruz, que ora anda na cruz d'ouro, pequena; e assi está nelle o Espinho da Corôa de N. Senhor Jesus Christo com certos fios da sua vestidura, o qual Relicario he todo d'ouro, guarnecido com certas pedras finas, que estão dentro».

Este relicario é uma das mais notáveis obras de ourivezaria que existem no país. Figuro na exposição retrospectiva de arte ornamental. Vid. *Catalogo illustrado*, pag. 20 e est. 86.

de D. Manoel, archivado na Torre do Tombo¹, e citado por João Pedro Ribeiro² e pelo Dr. A. Filipe Simões³, vê-se que a *mestre João* fôra encommendada pelo venturoso monarcha, por 151/430 réis, uma custódia para o mosteiro da Conceição, de Beja, — peça que, infelizmente, se não encontrava já no convento, quando se realizou a Exposição de arte ornamental⁴. Noutro documento da epocha nos apparece ainda o nome de *mestre João*⁵: — a 23 de Novembro de 1510, escreviam os officiaes da Casa da Índia a el-rei D. Manoel, que, pelo moço de estribeira João Affonso, lhe enviavam, segundo as suas ordens, o collar que Pero Affonso havia trazido (do Oriente, sem dúvida); e que essa joia fôra avaliada por *mestre João* e Diogo Rodrigues em 500 cruzados, — *favoravelmente, como Sua Alteza mandava que se fizesse de semelhantes cousas*⁶. Seria acaso João van den Staygoltsyt o auctor do calix do Alcobaça? É possível; mas nenhum elemento seguro nos permite insistir nesta vaga conjectura. O calix poderia ter sido executado fôra do país; poderia haver-o fabricado em Portugal artista allemão ou flamengo que não fosse o auctor do relicario da Madre de Deus; poderia, ainda, ter sido obra de artista português sob uma forte e decisiva influencia estrangeira, — hypothese esta que, todavia, se me afigura a menos provavel.

É certo, no entanto, que havia então bastantes ourives portuguezes, de alguns dos quaes nos conservaram os nomes os documentos da

¹ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 10, doc. 55. Porque se tem qualificado de duvidosa a leitura do appellido de *mestre João*, reproduzo aqui a sua assignatura tal como subcreve o recibo exarado nesse diploma:

² *Dissertações chronologicas e criticas*, v, 332.

³ *A Exposição retrospectiva de arte ornamental*, 96.

⁴ O mosteiro da Conceição possuia tambem outra notavel custódia, como se vê da seguinte passagem da citada *Chronica seraphica* (II, 482): — «O seu mayor despenho (da infante D. Beatriz, fundadora do convento) se mostra em hum rica Custódia, que deu para a exposição do Santissimo, esmaltada com quarenta e sette pedras preciosas, e dezanove perolas orientaes....»

⁵ É muito de supôr que os tres documentos se refiram ao mesmo artista.

⁶ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 2, doc. 102.

epoca:—Gil Vicente, o auctor da famosa e singular custódia de Belem; Diogo Rodrigues, que figura na carta, que citei, dos officiaes da Casa da India, e num mandado de 18 de Setembro de 1515, em que D. Manoel ordenava ao seu thesoureiro, Ruy Leite, que entregasse a Fructos de Goes os dois bacios dourados e o gomil que esse artista lhe havia então feito, para serviço da sua guarda-roupa; e bem assim um tecido de ouro, *anilado*, obra do ourives Alvaro Paes¹, Vicente Fernandes, a quem o afortunado monarcha mandava pagar, em 6 de Abril de 1512, a quantia de 75203 réis, de obras que fizera²; Belchior Rodrigues, ao qual, por alvará de 1.º de Agosto de 1515³, el-rei ordenava se entregassem 1205000 réis, em que tinham sido avaliadas umas suas casas, demolidas para despejo do adro da igreja de São (S. Julião), em Lisboa.

Extinctas as ordens religiosas, foi o calix remettido, com outras preciosidades, para a Casa da Moeda, cujo provedor dirigia ao ministro da fazenda, em 30 de Setembro de 1835, o seguinte officio:

«III.ª e Ex.ª Sr.—Entre os objectos de valor do extincto convento de Alcobaca, que foram entregues nesta casa, encontra-se o precioso e antiquissimo calix de ouro, feito na Hollanda, no anno de 1187⁴; succede, porém, faltarem-lhe algumas peças do pé ou columna que sustenta a cupola (como se vê da nota junta); não sendo o peso que se achou no acto da sua entrega nesta casa, egual ao que vem mencionado na relação feita na sub-prefeitura de Lamego, a qual, posteriormente á referida entrega, foi remettida a esta repartição. Julgo do meu

¹ *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 18, doc. 97. O conhecimento, ou recibo, exarado no documento offerece interessantes esclarecimentos á cerca dos objectos a que o mandado se refere. As bacias eram de agua ás mãos, *lavradas de romano*, douradas interiormente e com espheras esmaltadas nos meios (isto é, provavelmente, nos fundos). Pesavam ambas 16 marcos, 5 onças e 6 1/2 oitavas de prata. O gomil era pequeno, dourado todo, *lavrado de magos e de cinzel baixo*. Pesava 8 marcos, 7 onças e 5 1/2 oitavas. Quanto ao tecido dourado, formava uma guarnição de cinta, com sua fivella, charmeira e biqueira, e dez tachões, tudo *anilado*. Tinha de peso 35 cruzados e 63 grãos de ouro.

Note-se a expressão — *lavradas de romano*. É vulgar, bem como outras equivalentes (*lavrado ao romano; obra romana*), em documentos d'este periodo. Queria-se, talvez, designar assim o trabalho no gosto da Renascença italiana, — a obra d'esses ourives e esculptores que, na sua curiosa *Miscellanea*, Garcia de Resende proclamava *mais sutis e melhores* que os das epochas passadas.

² *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 11, doc. 56.

³ *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 18, doc. 53. Cfr. o doc. 96.

⁴ É a opinião de Bluteau, adeante referida.

dever levar o que fica exposto, ao conhecimento de V. Ex.^a, para que V. Ex.^a dê as providencias que julgar convenientes.

Deus guarde a V. Ex.^a Casa da Moeda, 30 de Setembro de 1835.—III.^{ma} e Ex.^{ma} sr. José da Silva Carvalho, ministro, conselheiro e secretario de estado dos negocios da fazenda.—O provedor, Antonio Cabral de Sá Nogueira».

«Relação a que se refere o officio: — «Um calix de ouro com esmalte, figuras em relevo e pedras engastadas, pesando 10 marcos, 3 onças e 2 oitavas».

«N. B. Este calix se entregou desmantelado, contendo doze peças, incluindo a patena, e pesou n'esta casa 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas¹».

José da Silva Carvalho providenciou como lhe cumpria, mandando entregar o calix á Bibliotheca Publica, para ser conservado no seu gabinete de numismatica e antiguidades².

Um anno, se tanto, apenas, se conservou alli, porque em 1836 foi de lá roubado, uma noite, juntamente com um sacco onde se encontravam reunidas as moedas de ouro, — algumas de primeira raridade³.

Cérca de dois seculos antes, havia o precioso calix desaparecido do mosteiro de Alcobaça. No primeiro volume da interessante collecção de sentenças organizada por Antonio Joaquim Moreira, e hoje pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa⁴, cita-se, a fl. 94, uma carta do duque de Bragança ao geral de Alcobaça, datada de Villa Viçosa, a 20 de Setembro de 1640, sobre a fuga de Fr. João de Mendonça, que levava roubado o calix de ouro⁵.

Não encontrei essa carta entre os documentos que d'aquelle mosteiro foram transferidos para o Archivo Nacional. Ignoro, pois, como as cousas se passaram. É, todavia, certo que, d'essa vez, o calix foi restituído, o que não succedeu em 1836. Se foi enriquecer algum museu ou collecção do estrangeiro, ou se o ladrão, no intuito de melhor se pôr a coberto da responsabilidade, o fez pedaços, vendendo-o como sucata, não o posso conjecturar.

Ficou a patena, que, mercê da disposição do estojo que continha as duas peças, não foi vista pelo roubador. Essa mesma, porém, encorporada mais tarde no Museu Nacional de Bellas-Artes, desapareceu

¹ Apud, Teixeira de Aragão, *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, t. 98, nota 4.

² Portaria de 20 de Outubro de 1835.

³ Allude a este facto o Dr. José Feliciano de Castilho, no seu elucidativo *Relatorio álcroa da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos*, t. 69.

⁴ Secção de Mss., B-16-1 (n.º 851 no inventario respectivo).

⁵ Devo esta indicação ao Sr. J. J. da Ascensão Valdez, illustrado funcionario da Inspecção geral das Bibliothecas e Archivos, e estudioso archeologo.

igualmente, pois, tendo sido enviada, em 1892, á Exposição colombina de Madrid, não foi encontrada, no regresso, entre os objectos portugueses, e ainda se lhe desconhece o paradeiro. Tinha lavores abertos a buril, e dois esmaltes, um em cada face. O diametro, como se pôde verificar pela caixa, modernamente feita, em que se guardava na Bibliotheca Nacional, e que ainda lá se conserva, era de 0^m,16. Figurou em 1882 na Exposição retrospectiva de arte ornamental¹.

Com razão dizia o Sr. Dr. Sousa Viterbo:

—Triste sina persegue o calix de Alcobaça!

Se até o estojo que o encerrava, e que, ha bem pouco, existia ainda na Bibliotheca, se não encontrou agora, quando, a instancias minhas, alli foi procurado! Console-nos d'essa perda a informação que me dá o Sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, um dos conservadores d'aquelle estabelecimento, de que nenhuma particularidade de forma havia no estojo, que mais ou menos efficazmente nos auxiliasse na reconstituição imaginativa da preciosissima joia. Da perda do calix e da patena, é que nada pôde consolar-nos.

O desenho a que se faz referencia numa das cartas adeante transcriptas, perdeu-se tambem. Tosco, embora, como sem dâvida era, teria altissimo valor.

Implacavel sina persegue, effectivamente, o calix de Alcobaça!

Vejamos que circumstancias deram motivo aos documentos agora publicados, e que são tudo quanto hoje possuímos do riquissimo (a escrever desditoso) calix.

(*Continua*).

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

15. Real Gabinete numismatico de Bruxellas

«Les savants et les artistes ont appris avec la plus vive satisfaction que les chambres belges avaient voté un crédit de 300.000 francs pour l'acquisition des incomparables suites de monnaies grecques et de monnaies romaines réunies, à grands sacrifices d'argent et de peines, pendant plus de quarante ans, par notre zélé confrère, M. le comte Albéric du Chastel de la Howarderie. Ce vote, qui fait le plus grand honneur à l'esprit éclairé et patriotique de nos législateurs et qui est dû à la haute initiative de M. Schollaert, ministre de l'Intérieur et de

¹ Vid. *Catalogo illustrado*, 25.

l'Instruction publique, vient heureusement combler une lacune aussi importante que regrettable du Cabinet royal des Médailles de Bruxelles où les splendides monuments monétaires des époques grecque et romaine étaient représentés jusqu'ici, d'une manière peu en rapport avec les traditions artistiques d'un pays tel que le nôtre.

(*Revue belge de Numismatique*, 1899, pag. 384).

Já a proposito da noticia que de um facto analogo succedido com o Monetario da Bibliotheca nacional de Paris dei no *Arch. Port.*, iv, 95, eu disse que o Gabinete numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa não estava á altura do que devia e podia estar. Agora o repito. E oxalá que o que se passa lá fóra sirva de incentivo a que em Portugal se proceda de modo semelhante!

16. Ruínas de Italica (Sevilha)

«La Commission des monuments historiques s'est décidée à faire déblayer l'amphithéâtre d'Italica (aujourd'hui Santiponce, aux portes de Seville), et à faire employer à ses travaux les détenus de la prison.

Pour cela, elle a fait appel à la bienveillance et au concours du gouverneur de la province, et de l'Académie de l'Histoire; de plus, elle a demandé qu'on fit payer un franc d'entrée à tout visiteur, et songé à donner une représentation exceptionnelle au théâtre San Fernando, pour constituer une caisse de fouilles. L'exécution de ces fouilles, reconnue depuis longtemps nécessaires pour mettre fin au pillage désordonné d'un terrain spécialement riche en antiquités romaines, était depuis quelque temps réclamée à l'envi par les sociétés savantes de Seville et par la presse».

(*Revue des études anciennes*, t. 1, 1899, pag. 169).

J. L. DE V.

D. Elvira Lopez

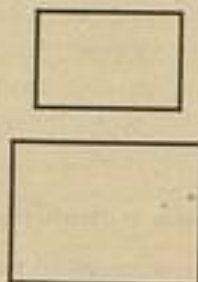
Um epitaphio em versos leoninos

Ha no Museu de Antiguidades, confiado á guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra, uma importante collecção de calcos de inscripções lapidares. Entre elles encontra-se o do epitaphio de D. Theresa Raymonda, abbadessa que foi do mosteiro cisterciense de Cellas de Coimbra, fallecida em maio de anno de 1315 (era 1353).

No verso d'este calco lê-se uma nota, de lettra do fallecido epigraphista Manuel da Cruz Pereira Coutinho, Prior da Sé Velha, que diz:

«Esta lapide está embebida na parede da casa capitular do mosteiro de Cellas, ao lado esquerdo de quem entra em direcção ao altar. Acha-se collocada sobre outra (como na figura a baixo). Est'outra consta de 14 linhas tão mutiladas, mas dos mesmos caracteres da de cima, que se negam á formação de qualquer sentido. São quadradas, mas a illegível é um pouco maior que a outra».

E indica em seguida a posição relativa das duas pedras, assim:



Hoje estão depositadas no referido Museu de Antiquidades ambas as lapides, a que se refere a nota.

A de D. Theresa acha-se bem conservada; foi publicada com algumas incorrecções no *Agiologio Lusitano*, III, 129, e com fidelidade no *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra*, Supplemento 1.º, p. 30.

Passemos a descrever a segunda, aquella que Pereira Coutinho não conseguiu ler, declarando que as suas 14 linhas se acham tão mutiladas, que se negam á formação de qualquer sentido.

É uma pedra rectangular, de natureza calcarea, medindo 0^m,57 de altura $\times$ 0^m,53 de largura, em pessimo estado de conservação. A parede, onde esteve por muitos seculos embutida, era humida, a ponto de escorrer agua sobre a lapide. Foi-se esta carcomendo pela acção corrosiva do salitre, até se apagarem quasi completamente muitos caracteres; as en crustações calcareas vieram deturpar ainda mais a superficie da pedra, acabando de dificultar a leitura da inscripção.

Poucas lettras restam nitidas, mas nessas poucas póde admirar-se a elegancia dos caracteres gothicos, artisticamente desenhados por habil calligrapho, e gravados com extrema perfeição. A fórma das lettras revela-nos que a inscripção é do seculo XIV, ou talvez do XIII.

Ha mais de dez annos que está depositada no Museu; entretanto conservava-se ainda com o rótulo de illegível.

Saiu agora pela primeira vez a lume a sua leitura, feita com grande dificuldade, á custa de muito trabalho e paciencia, mas com segurança, e sem receio de erro.

Ei-la:

LAVDE : NDIS : DIGNA : SPECIOSA : PVDICA : BENIGNA :
 PROVIDA : DISCRETA : FACVNDIA : MODESTA : QUIETA :
 MORIBVS : ORNATA : DE : CLARO : SANGVINE : NATA :
 FAMA : DOTATA : VIRTVTIBVS : ASSOCIATA :
 HARVM : PRELATA : CELLARUM : PETITVLATA :
 LVX : PRELATARVM : CLARVM : SPECI/M : MONACHARVM :
 VVLTVS : HONESTATIS : FLOS : PVRVS : VIRGINITATIS :
 XPI¹ : SERVOREM : MONIALIS : AMICA : MINORVM :
 EST : ELVIRA : LVPI : QVAM : CERNIS : SVBMITA : RVPI :
 CONSTAT : III : CLAVDI : SIC : OMNIA : CONSONA : LAVDI :
 LAVDES : ASCRIBI : QVECVNQUE : VALENT : MONIALI :
 VENDICAT : ISTA : SBI : MERITO : TITVLOQUE : PEALI :
 POST : M : C : PARITER : TER : PONAS : X : BIS : ET : I : TER² :
 ELLIVS : ERA : NOTA : TALI : FIAT : TBI : NOTA :

Ha referencia a esta D. Elvira Lopez, abbadessa do mosteiro de Cellas, num livro manuscripto, que pertenceu ao cartorio do referido mosteiro, e hoje existe no Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra. Já me reporteí a este livro em artigo publicado no *Arch. Port.*, IV, 226. Lê-se nelle o seguinte:

«Naõ sou da opiniaõ que algũs q̃ principiou o modo deviner destas religiosas que primeiro ponaõ este sitio em beatas, porque no anno

¹ Abreviatura da palavra *Christi*.

² Maneira ingenhosa de exprimir neste verso a era da morte de D. Elvira Lopez M. CCC. XXIII.

de mil, e duzentos, e vinte, e oito per escrituras acho que aua já Abbadessas, Doña Eluira Loaa, que comprou lobazes, lamas, vzzella com todas as suas pertenças, may» cepins grande, e pequeno, e Arinhos: foy muitos annos Prelada, de sorte q̃ ate o anno de mil, duzentos, e sesenta, e oito acho escrituras, q̃ per sua authoridade foraõ feitas. Seguiose a esta senhora outra Abbadessa cujo nome per huã so letra se firma *Dña F. Abbatissa* na era de mil duzentos e setenta, e dous, até mil, duzentos, e oitêta, e tantos: Depois continuando o tempo foy eleita em Prelada Dña Eluira Lopez, que supposto que na Prelazia entrasse pouco depois da Prelada passada acho que na continuação das escrituras no anno de mil, trezentos, e dous, ate mil e trezentos, e dezasete continuou sua Prelazia: Neste mesmo anno entrou a guernar o cargo Abbacial Dona Alda laurenci...¹.

Segundo este apuramento, feito em face das escripturas de Cellas por Fr. Bernardo da Assumpção, que no seculo XVII organizou o cartorio d'aquelle mosteiro, foi D. Elvira Loba a primeira abbadessa do convento, de que resta memoria. Era ella quem ainda presidia á comunidade, quando falleceu a fundadora, a virtuosa Santa Sancha, filha de el-rei D. Sancho I; o seu abbadessado prolonga-se desde 1190 até 1230 da era christã, e aquella santa falleceu em Cellas a 13 de março de 1229.

D. Elvira Lopez, de quem se occupa a inscripção, foi a terceira prelada, extendendo-se o seu abbadessado até o anno de 1279 (era 1317). Neste anno entrou D. Alda Lourençez na posse da cadeira abbacial, vaga certamente pela resignação da anterior abbadessa, e não pela sua morte, pois, segundo reza o epitaphio que acabamos de ler, D. Elvira Lopez vein a fallecer sômente quatro annos mais tarde, em 1285 (era 1323).

Coimbra, 1899.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

«He trabalho grande, eu o confesso, em tanta confusão de antiguidade, em tanto silencio de escriptores, descobrir aquelles, a que a rudeza, ou a ingratiidão d'aquelles tempos, não soube erigir estatuas, e dedicar inscripções».

(CORDER DE S. LOURENÇO, *Oração* recitada na Academia Real de Historia Portuguesa, Lisboa 1757, p. 9).

¹ *Cellas — Index da fazenda* (n.º 44), fl. iv.

Museu Municipal de Bragança

Esclarecimento

No vol. iv, pag. 155 d-*O Archeologo Português*, vem transcripta do jornal local *O Norte Transmontano* a inscripção de uma lapide funeraria que o meu amigo e protector do Museu, abbade de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, lhe offereceu e que tinha sido encontrada no Castro de Sacoias.

Razão tem o meu amigo Leite de Vasconcellos para duvidar da exactidão da cópia da referida inscripção, que a imprensa local publicou sem lhe ligar toda a importancia e attenção devidas.

A inscripção que se lê na lapide, que é de granito grosseiro, cylindrica, de 0^m,29 de diametro e 1^m,40 de altura, é a seguinte:

BOVIVS
TALOCIF
ANN
XXXV
STTL

O I da 1.^a linha, (entre os VV), é pouco distincto; no restante não ha dúvida.

O corpo das letras regula por 0^m,075, e a distancia de umas ás outras por 0^m,02.

Bragança, 1898.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Alcobaça archeologica

2. Antiguidades romanas

Em complemento da noticia dada n-*O Arch. Port.*, t, 104 sqq., pelo Sr. Vieira Natividade, publicam-se aqui as seguintes figuras de outros objectos existentes na valiosa collecção archeologica d'aquelle Sr., e que foram encontrados no concelho de Alcobaça.

Nas figs. 1 e 2 representam-se objectos, creio que de ferro, que não posso descrever, por os não ter tido ainda presentes.

Na fig. 3 representa-se uma chave de ferro, que parece pertencer à classe das *claves Laconicas*.



Fig. 1 (1/2)



Fig. 2 (1/2)

Na fig. 4 representa-se em tamanho natural uma loba, de bronze, encontrada no ponto onde o concelho de Alcobaça confina com o das Caldas-da-Rainha. Como o lado opposto ao que se figura está mal

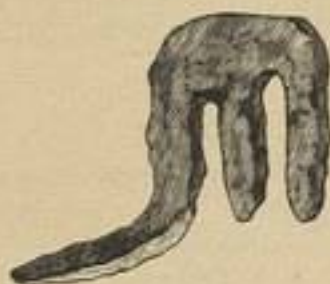


Fig. 3



Fig. 4

cuidado, supõe o Sr. Natividade que este objecto devia ligar-se com outro semelhante, que porém falta, restando apenas naquelle lado cravada uma haste de ferro, de secção rectangular.

Na fig. 5 representa-se em tamanho natural, em duas posições, uma Victoria de bronze, com coroa na dextra, na attitude de coroar alguém ou alguma cousa. Trabalho bastante rude; talvez indigena: mas nem por isso pouco curioso.



Fig. 5

O Sr. Natividade tinha-me prometido enviar-me a descripção circumstanciada de todos estes objectos; mas, como certamente as suas occupações lhe não tem permittido fazê-lo, e como se torna necessario aproveitar n-*O Archeologo* as gravuras já feitas, resolvi-me eu a redigir essas curtas notas, o que de antemão communiquei em carta particular ao mesmo Sr.

J. L. DE V.

Noticias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, IV, 190, 217, 309)

a) *Inscripções antigas (noticia).*

«*Lisboa 25 de Fevereiro.*—Em Braga, e em Coimbra se descobrirão varias inscripções antigas, que dão muyta luz à historia do Reyno. Os Academicos della tiverão conferencia em 4. do corrente, em que derão conta dos seus estudos Joseph Contador de Argote, Joseph do Couto Pestana, o Padre Fr. Joseph da Purificação, Joseph Soares

da Silva, que leo o principio da sua composição, e Lourenço Botelho de Souto mayor».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 25 de Fevereiro de 1723).

b) *Inscripções e cippos romanos (noticia).*

«*Lisboa 18 de Março.*—O alcaide mór de Braga Pedro da Cunha de Souto mayor, Academico Provincial da Academia Real da Historia, achou naquella Cidade varias inscripções, e cippos Romanos, cujas interpretações mandou à mesma Academia».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Março de 1723).

c) *Subterraneos de Cintra observados por um naturalista ao serviço de Portugal.*

«*Lisboa 24 de Fevereiro.*—Mons. Mervilleux Esquizaro¹ de Nação vay correr todo o Reyno de Portugal, para fazer a descripção das plantas, e de tudo o mais, que pertence à historia natural Portugueza, com hum largo ordenado, e ajudas de custo, que Sua Mag. como Protector que he das sciencias lhe assinou».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 24 de Fevereiro de 1724).

«*Lisboa 22 de Junho.*—Mons. Mervilleux examinou todas as rari-
dades naturaes da serra de Cintra, e a admiravel fonte, que está no alto do monte do Castello com muitos subterraneos antigos, onde achou hum Agata Oriental, persuadindo-se a que poderá haver minas de semelhantes pedras. Trouxe as plantas mais raras, que vay offerecendo a Sua Mag. com as suas descripções; e observou ser de mulher hum osso² de extraordinaria grandeza, que se guarda na quinta, que foy do grande D. João de Castro, e he ao presente de Pedro de Saldanha de Albuquerque seu descendente».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Junho de 1724).

¹ De Schwyzer ou Schweizer. Hoje usamos o termo *suíço* de preferencia á forma italiana.

² Cfr. *O Arch. Port.*, III, 327.

d) *Inscrição latina no Porto.*

«*Lisboa 4 de Outubro.*—Escrevese da Cidade do Porto, que no dia da Natividade de N. Senhora, que se celebrou com huma magnificencia extraordinaria no Hospital publico daquelle Povoação, chamado de *D. Lopo de Almeida*, se expoz á vista do povo huma nobre casa de Botica, que em beneficio dos pobres fundou de novo, e proveo de todo o genero de medicinas, e de muitas muy raras, com Regimento para o Boticario, e seus Officiaes, o M. Reverendo Jeronymo de Tavora, Noronha, Leme, e Sernache, Deão da Igreja Cathedral da mesma Cidade, sendo neste anno quinta vez Provedor da Casa da Misericordia della, e havendose inscripto sobre a porta o distico seguinte:

*Hic pariter dives, pariter medicamina pauper
Sumptibus, & morbis, quae molestantur, habent».*

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 4 de Outubro de 1725).

e) *Sepultura do Conde de Vianna em Santarem.*

«*Lisboa 14 de Junho.*—Por cartas de Santarem se tem a noticia, de que abrindose no Mosteiro dos Religiosos de Santo Agostinho, da mesma Villa, huma sepultura, situada no meyo da Capella mór, em que forão sepultados o Conde de Ourem D. João Affonso Telles de Menezes, e a Condessa sua mulher D. Guiomar de Villalobos; bisneta delRey D. Sancho IV. de Castella, fundadores, e dotadores do dito Mosteiro, se achou inteiro o corpo da mesma Senhora, e o lençol que estava envolto, incorrupto, havendo mais de 340. annos, que he falecida».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 14 de Junho de 1725).

«*Lisboa 21 de Junho.*—Na semana passada se referio com menos certeza, haver-se achado inteiro o corpo da Senhora Condessa de Ourem D. Guiomar de Villa-Lobos, e agora se soube, que a sepultura, que se abriu, não foy a do Conde D. João Affonso, mas hum magnifico mausoleo de seu neto D. Pedro de Menezes, Segundo Conde de Vianna, e primeiro Capitão governador de Centa, onde faleceo no anno de 1437. e como foy casado duas vezes, e ambas as mulheres se sepultarão com elle, se não pode saber de qual será o corpo, que se achou inteiro. Presenceou casualmente a sua abertura o Marquez de Cascaes seu oitavo neto».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 21 de Junho de 1725).

f) *Medalhas romanas.*

«*Lisboa 18 de Julho.*—A Academia Real continúa na mesma fórma as suas sessões. Na de 28. de Junho Receberão-se duas medalhas antigas do tempo dos Romanos, que remetteo o Academico Pedro da Cunha de Souto mayor;»

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Julho de 1726).

g) *Achado de um caixão de pedra em Friões.*

«*Chaves 4 de Junho.*—Na freguesia de S. Pedro de Friões, termo desta Villa, annexa ao Priorado della, andando-se abrindo alicerces para accrescentar a Capella mayor, e havendo-se já aprofundado altura de seis palmos, no dia 26. de Mayo deste anno¹, e cavando-se mais a pouca distancia, se descobrio hum caixão de pedra tosca de oito palmos de comprimento, com cabeceira na fórma dos monumentos antigos. . . .¹ A Igreja he antiga, e se conserva ha mais de trezentos na mesma forma; e assim em quanto se não averiguar o contrario, se tem por prodigio».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Junho de 1730).

h) *Manuscritos em letra arabe.*

«*Lisboa 8 de Fevereiro.*—Na primeira Conferencia da Academia Real deste anno se deo parte aos Academicos, de haver avizado João de Saldanha da Gama, Vice-Rey do Estado da India, que em huma pequena Ilha situada no mar Persico, pouco distante da Ilha de Ormuz, (que póde ser a que se conhece com o nome de *Lareca*) havia huma antiga Mesquita, e corria por tradição entre todos os Mouros, que nella se conservavão certos depositos, que nenhuma pessoa podia tirar, porque logo em o emprendendo morria repentinamente; porém que alguns Portuguezes desprezando este agouro, entráram na Mesquita, e trouxeram della dous cayxoes cheyos de livros antiquissimos; huns escritos na lingua Arabica, outros na Persiana, os quaes forão entregues ao mesmo Vice-Rey, que fazendo-os examinar, se achara que alguns tratavão de Medicina, outros de historia, sufficientemente enquadrados; e que muitos especialmente os de Medicina tinham mil annos de antiguidade, e tambem escritos que parecião impressos: que se fi-

¹ O que se substitue por pontos não tem relação com o assunto de que se trata.

cava fazendo extractos do que cada hum continha para os remetter a este Reino».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 8 de Fevereiro de 1731).

i) *Inscrição romana em Dume.*

«*Lisboa 3 de Julho.*—Escreve-se de Braga, que trabalhando-se em reedificar a antiquissima Igreja de S. Martinho de Dume, cavando-se no adro, se encontrão com vestigios de hum edificio Romano, que se entende seria algum Templo dedicado a Jupiter, porque entre a muita pedraria de columnas, e pilares, que se dezanterrão em que ha inscrições com caracteres Romanos, se leo em huma columna a seguinte inscrição¹:

IOVI EPULSORI ARMIA LUSSINNA
EX VOTO POSUIT

Descobrio-se juntamente hum grande tumulo de branco, e finissimo marmore com onze palmos de comprimento, e tres de largura, dentro do qual se achão os ossos de hum corpo humano, que algumas pessoas querem fossem de algum dos Reys Suevos que dominão em Portugal, e tiverão naquelle sitio o seu Palacio, e a sua Real Capella; e podião bem ser os delRey Theadomiro, que faleceo no anno de Christo 570. e alli fundou Mosteiro a S. Martinho de Dume, de quem foy contemporaneo; e como na invazão dos Godos se arruinão os edificios Romanos, e na dos Arabes os dos Godos, será esta a cauza de se acharem confundidas as ruinas de huma e outra nação. Das mais antiguidades que se descobrião se irá dando noticias».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 3 de Julho de 1732).

j) *Castello romano e inscrição perto de Ferreira do Zezere.*

«*Lisboa 18 de Junho.*—No termo da Villa de Ferreira, Comarca de Thomar, se descobrião em hum aspero outeiro, q̃ por todas as partes parece despenharse sobre o Rio Zezere, indicios de ter havido alli hum Castello no tempo dos Romanos, que os Godos, ou os Mouros demolirão; e se reconhecem ainda muytas bases, e chapiteis de columnas, e pedras notaveis de cantaria lavrada, de mais de 10. palmos de comprimento, além de outras de que se fabricou huma ermida dedicada a S. Pedro, a que a tradição conserva o nome de Castro; e entre outras

Corp. Insc. Lat., n. 2144.

se acha huma pedra consagrada aos Deoses dos mortos, que em letras Latinas mayusculas diz o seguinte¹:

D. M.
ANTONIAE MAXUMAE,
ANTONIAE MODESTAE,
LAURENTIUS GENER,
MARITUS, EX TESTAMENTO.

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Junho de 1733).

k) *As antas.*

«*Lisboa 3 de Setembro.*—Na conferencia que a Academia Real da Historia Portugueza fez no dia 30. de Julho, sendo seu Director o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, leu o Academico Nuno da Silva Telles a vida, que tinha escrito de hum dos Bispos do Porto, de cuja Diocesi escreve as memorias; e o Academico Martinho de Mendonça de Pina, Bibliotecario de Sua Magestade leu hum eruditissimo discurso, sobre a antiguidade, e uzo das *Antas* (ou Altares) formados de grandes pedras toscas, em figuras de mezas quadrangulares, que se achão em algumas partes deste Reyno, e servião de fazer os sacrificios, e queimar as victimas nos primeiros seculos do Mundo, pedindo a todos os curiosos, queirão participarlhe as noticias que tiverem de semelhantes monumentos com a descripção dos sitios em que se achão, e as medidas, e mais circumstancias que observarem²».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 3 de Setembro de 1733).

l) *Achado de moedas romanas proximo de Braga.*

«*Lisboa 22 de Maio.*—Na freguezia de Santa Christina, huma legoa distante da Cidade de Braga, e duas da Villa de Guimaraens, querendo hum Campones, chamado Antonio Rodrigues, plantar um bacello perto de huma casa, que fez, deu com huma lagem, e levantada esta, com duas panellas cheas de medalhas Romanas dos Emperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino, Constantino, Constancio, e dos Tyrannos Licencio, e Maxencio, todas muy bem conservadas, as quaes livrou de serem fundidas por hum ourives, a quem se tinham vendido, Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrellos,

¹ *Corp. Insc. Lat.*, II, 335.

² Trabalho citado pelo sr. Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitania*, I, 5.

Academico da Academia Real, que as participou á mesma Academia ao Excellentissimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Maio de 1738).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

LAPIDE ROMANA DA ESTRADA DA GEIRA SEM DECIFRAÇÃO PLAUSIVEL ATÉ-GORA, por Pereira-Caldas, Braga s. d. (1899).

Folheto de 20 paginas em que seu auctor pretende corrigir as primeiras linhas da inscripção n.º 4799 do *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II; isto é, interpretar:

HA : ASTVLA : ICAVL · G : C : RAV
TO etc.

como:

.....[BRACA]
RA · ASTVR [icam] C · CALPETANO
RANTIO etc.

O enigma não fica porém ainda resolvido.

J. L. DE V.

André de Resende

O seu morgado¹

Sabía-se que André de Resende comprara e vinculára uma pequena propriedade rural, cujo segundo administrador foi seu filho natural, Barnabé de Resende. O que, porém, se ignorava era o local onde tal propriedade, e qual ella é. Determina-se hoje com o maior rigor historico.

Na vasta propriedade *Manisola*, que tal nome tem desde o sec. XIII, pertença e habitação do Sr. Visconde da Esperança, propriedade de muitas compostas, ha um tracto de terreno de exiguas dimensões, denominado *Quinta do Arcediago*, em que existe uma casa de morada, e perto d'ella, em um valle de alguma amenidade, uma fonte de architectura quinhentista. Num quadrado, de aproximados tres metros por banda, uma das quaes é entrada em arco, e de altura regularmente proporcionada (vid. fig. junta), existe a fonte, brotante em tenne veia de cavidade praticada na rocha. Das quatro paredes nasce um zimbório

¹ [Sobre o assunto cf. *O Arch. Port.*, IV, 122-124. — J. L. DE V.]

redondo, terminado por allanterneta. Sobre o arco de entrada existe uma inscripção latina, aberta em cal, esboroada pela acção do tempo,



como na parede do fundo, sobre a fonte, outra existe, tambem, em igual estado ao da exterior sobre a entrada.

De ha annos diligenciava eu ler estas inscripções, o que não conseguia pelo ruinoso da cal, em que gravadas.

A primeira restitui, não ha muito tempo; porque, sendo legiveis as primeiras palavras della, permittiram o verificar eu que a mesma é que ainda existe, aberta em pedra, e que André de Resende conservava no jardim de suas casas, na cidade, e diz assim:

FLECTE GENV EN SIGNVM PER QVOD VIS VICTA TIRANI
ANTIQVI ATQVE EREBI CONCIDIT IMPERIVM
HOC TV SIVE PIVS FRONTEM SIVE PECTORA SIGNES
NEC LEMORVM INSIDIES EXPECTARAQVE VANA TIME

A inscripção interna, não obstante as tentativas, jamais a podera ler.

Se pela mente me passára a ideia de ter sido André de Resende quem ali mandára gravar a exterior, facil fôra descobrir a leitura da inscripção interior, lendo de proposito, o que agora li por acaso, o artigo da *Bibliotheca Lusitana* respeitante a André de Resende, no qual não só vem as duas inscripções, mas se dá a noticia de ter sido aquella fonte, casa de morada e propriedade a mesma que o antiquario instituiria em morgado.

Diz, pois, a inscripção latina do interior da fonte:

EXERE NAI CAPVT TENEBROSA É RVPE LAETVMQVE
VISE TIBI SACRVM POMIFERVVMQVE NEMUS
PER QVOD VBI LAETO DISCURRIS LIBERA FLVXV
ARBORIS VENIAT COPIA LAETA TVIS.

Está, portanto, determinada esta antiguidade resendiana, que seu actual possuidor aprecia, como homem muito illustrado, que é, tencionando não só reparar a fonte, mas mandar gravar em duas lapides marmoreas as inscripções gastadas e perdidas, para a leitura, pela acção de mais de trezentos annos.

Como na cêrca do Mosteiro, que foi de Jeronymos, dito do Espinheiro, existe a capella mortuaria de Garcia de Resende: na Quinta da Manisola, a menor distancia de Evora, subsiste a fonte de André de Resende, em sitio deleitoso por suas vistas.

Conserve-se, pois, este monumento nacional, que, se não prima por custosos labores, perpetua o nome do grande antiquario português, e recorda o local poetico em que elle se daria á poesia latina, em que foi distinctissimo, como o mais notavel filho de Evora.

Evora, Julho de 1898.

A. F. BARATA.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

272. Lapas (Extremadura)

Subterraneos

«Deu a esta terra o nome de Lappas hum bem confuzo Labarinto dellas artifiçadas no coração de hũ duro monte: são muntas, em parte horrendas; e em outras partes mais agradaveis, em parte não tem ordem, e em outras partes se formão em ruas largas, e compridas, com praças, sótos, retretes, e outras meudezas; cercãoçe em roda de muntas, e altas claras boyas que girão o monte; o qual pello meyo tãobem tem algũas para cima por onde se comunica a lux a esta cavidade e o não faz a toda; por serem as ditas lapas tão difuzas que se algum ignorante de çitio emprehender correllas sem algũa guia nellas andarã perdido por algum breve tempo: Manifestão de sua propria formalidade serem obra de humano braço e não engenho da natureza, Pareçendo melhor conjectura ser esta fabrica obrada em tempo que os homens não terião o uzo da Alveneria, por quanto esta lhes seria mais facil que não minarem a dureza de similhante monte. Pareçeme que podem recolher para dentro de sy thê quatro mil homens. Alguã parte deste minado subterraneo abrange a igreja, em cuja conformidade se diz, que aqui andão os vivos por baxo dos mortos; tanto asim que pedindome hum Missionario Varatojo quizeçe eu guiã-lo nella para ver. Parou naquella parte da igreja rezando o Responso dos defantos, e ao lançar a benção do *Requiem etc.* o fez para cima e não para baxo»¹. (Tomo XIX, fl. 422).

¹ Parece-me que estas galerias subterraneas tiveram a sua origem na exploração do salitre empregado no fabrico da pólvora. Num folheto do sr. Sousa Viterbo, intitulado *O Fabrico da pólvora em Portugal*, vem, a fl. 29, uma carta regia de D. João III, com a data de 1553, pela qual este rei dava a Antonio Gonçalves, morador na villa de Torres Novas, o cargo de tirar o salitre para fazer a pólvora dizendo o agraciado que seu pay Goncallo Diaz teve o cuidado das lapas... que estão no termo da dita villa (de Torres Novas). Segundo informações que tenho as galerias acima mencionadas de anno para anno se tornam menos praticaveis à passagem em virtude dos successivos desmoronamentos. Corre como certo os subterraneos chegarem até o castello de Torres Novas e terem sido escavados pela guarnição moura d'esta villa para effectuar sortidas. Não me parece todavia exacta a tradição. Cfr. *O Arch. Port.*, I, 112 e II, 187, nota.

273. Lavra (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade de Lavra

«Não tem porto do Mar nem he terra murada nem Praça nem tem Castello, nem Torre antiga, nem padeceu ruina no terremoto, nem tem mais couza digna de memoria que o ser esta freguezia mais antiga em razam de dizer Manoel de Faria e Souza, que junto á Cidade do Porto duas legoas fica a Cidade de Lavra¹, e como hoje senão acha esta Cidade não duvido antes me parece que seria nesta freguezia em razam de algum dia me dizerem havia nesta terra o Convento de Santo Têrso, e se acharem ainda vestigios, ou signaes de ser verdade razam porque ainda se acham nesta rezidencia hũa columnas que demonstram serem do mesmo Convento, e se acharem tambem nas arêas pegado ás aguas do Mar huas Eiras de ladrilho de burgos que bem demostram serem claustros de outro Convento ou Palacio antigo, e tambem se acha junto á Igreja em caza de Antonio dos Santos hua pedra com hum Epitafio antigo, cujas letras se nam entendem, por onde venho a colher seria certo o que diz o Author Faria e seria a Cidade neste districto, e tambem por se acharem ao fazer desta Igreja, que ainda he moderna algumas sepulturas de pedra grandes, e agigantadas ao modo antigo, e outras de teijolo; e ao fazer da mesma Igreja se acharam nas sepulturas corpos inteiros em pó, que asoprando se desfaziam, o que eu vi com os olhos, que me admirey de ver a grandeza dos ditos corpos por serem agigantados». (Tomo XIX, fl. 487).

274. Lemenhe² (Entre-Douro-e-Minho)

Castello das Ermidas

«Tem este monte de comprido mejo coarto de Legoa e sobre elle se forma hum picoto ou outeiro chamado o Monte das Ermidas ou Castellos das Ermidas porque dizem os antigos que antigamente fora Castello e com effeito ao rredor delle se acham vestigios de muros delle feitos de pedras de canto cortadas ao pico que a mayor parte dellas se tem desfeito pelos Labradores para fazerem paredes em outras partes». (Tomo XX, fl. 567).

¹ Nos *Port. Mon. Hist.*, «Dipl.», apparece noticia de um territorio *labrense* que identifico com o concelho de Bouças a que hoje pertence Lavra.

² *Lemeni*. Ficava proximo do monte *Castro Benti*. *Port. Mon. Hist.*, p. 246.

275. Santa Leocádia (Beira)

Sepulturas com epitaphios

«..... Igreja chamada da Senhora de Sabroso, que se avista de Barcos cabeça da Reitoria desta villa de Barcos munto antiga que há memoria de algum dia se virem enterrar nella e no adro della gente de coatro e seis legoas distantes da dita igreja e mais ainda hoie há na dita igreja e adro della sepulturas com epitaphios por cima mostrando que ali se tem enterrado pessoas illustres». (Tomo XX, fl. 583).

276. Leça¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Inscripções

«..... e o primeiro sepulchro seo ha tradiçam que foy defronte da porta travessa da dita Igreja, e que o venerando Balio Frej Luis Alvaes de Tavora o mandara tresladar para a dita capella ahonde se acha coincado e tem a mesma parede ahonde jas huma Lamina de metal que tem huns versos gravados os quoaes sam latinos e do teor seguinte:²» (Tomo XX, fl. 609).

«Da parte do Evangelho na parede da dita Capella do Ferro está metido em hum arco outro grande mauzeleo de pedra de Ansam, em o qual se vê hum epitaphio com as seguintes Letras:

AQUI JAZ O MAGNIFICO E REVERENDO SENHOR DOM
FREJ JOAO COELHO PRIOR QUE FOJ DO CRATO, CANCELHER
MOR DE RODEZ, E BALIO DE NEGROPONTO, DO CONSELHO
DE ELREY, E COMMENDADOR DE LESSA, DA GUARDA, E
DE ELVAS, AO QUAL NOSSO SENHOR POR SUA SANTA PAY
XAM, E ROGOS DE NOSSA SENHORA SUA MADRE LHE QUEJRA
PERDOAR SEUS PECCADOS. AMEN. FALECEO DAVIDA PREZEN-
TE EM A ERA DE MIL QUINHENTOS E QUINZE»

(Tomo XX, fl. 611).

«Abaixo do meyo da dita Igreja e na nave do meyo della está hum mauzeleo, ou Tumulo de pedra desta terra, e por baixo o sus-

¹ Outr'ora escrito *Leza*. Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, II, 334.

² Esta inscripção já foi publicada n-*O Arch. Port.*, II, 149 pelo Sr. Sousa Viterbo com variantes, sendo a traducção de Velho Barbosa e a do Parcho de Leça tambem diversas. No mesmo artigo vem transcripta outra inscripção em verso relativa a Pedro Durães. Todas as inscripções em versos leoninos necessitam de uma profunda revisão.

tentam tres Liens tambem de pedra, e dentro delle está o corpo do Beato Dom Frej Garcia Martins, Cavalejro Melitense..... etc.; tem a capa do sobredito tumolu hum pedasso de pedra de Ansam embuido com hum dístico que dis o seguinte em letra gotica:

E. 1343 IN IESU CHRISTI DISCESSIT IN
REYNO PRATRI DOMNI GARCIAE MARTINI, GLORIA
NOSTRA, COMMENDATORI DOS CINCO REYNOS DE
HESPAÑA IN COELICO.

(Tomo XX, R. 612 e 614).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Congresso de Numismatica

A proposito do Congresso internacional de Numismatica que vae celebrar-se em Paris nos dias 14, 15 e 16 de Junho de 1900, recebi a seguinte carta-circular, que publico por o seu conteudo poder interessar a alguns leitores:

«Monsieur et cher Confrère. — Le Congrès international de Numismatique est placé, comme tous les Congrès internationaux de 1900, sous la haute direction de M. le Ministre du Commerce et de l'Industrie.

La Commission d'organisation, définitivement constituée, a élaboré le règlement (en conformité avec le Règlement général des Congrès) et le programme que vous trouverez ci-après. Ce programme doit être considéré comme une base d'études. Mais la Commission fera un accueil favorable aux travaux concernant d'autres sujets que ceux inscrits au programme, pourvu que ces travaux remplissent les conditions stipulées dans le Règlement.

La Commission d'organisation acceptera de préférence les mémoires rédigés en français. Toutefois, elle admettra aussi les notices écrites dans une des langues suivantes: anglais, allemand, italien, espagnol, latin. Les notices écrites dans une de ces cinq langues devront être accompagnées d'un résumé en français.

Un banquet, dont le prix de souscription sera fixé ultérieurement, réunira les membres du Congrès, à l'issue de leurs travaux.

Nous espérons que vous voudrez bien nous apporter le résultat de vos différentes recherches et renouveler ainsi les relations scientifiques et amicales dont la Numismatique peut tirer un grand profit».

A carta está assignada pelos membros da comissão d'organização, os Srs. Conde de Castellane, De Foville, Babelon, De Marchéville, Blancard, Mowat, Lalanne, Mazerolle, Denise, Blanchet e Sudre.

Com a carta vinha o *Règlement du Congrès international de Numismatique*, que igualmente transcrevo:

«Art. 1^{er}. Conformément à l'arrêté ministériel en date du 11 juin 1898, il est institué à Paris, au cours de l'Exposition universelle de 1900, un Congrès international de Numismatique.

Art. 2. Ce Congrès s'ouvrira le 14 juin 1900, dans le Palais des Congrès; sa durée sera de trois jours.

Art. 3. Seront membres du Congrès les personnes qui auront adressé leur adhésion au Secrétaire de la Commission d'organisation, avant l'ouverture de la session, ou qui se feront inscrire pendant la durée de celle-ci et qui auront acquitté la cotisation, dont le montant, fixé à vingt francs (or français), devra être envoyé au Trésorier de la Commission.

Art. 4. Les membres du Congrès recevront une carte qui leur sera délivrée par les soins de la Commission d'organisation.

Ces cartes, qui ne donnent aucun droit à l'entrée gratuite à l'Exposition, sont strictement personnelles. Toute carte prêtée sera immédiatement retirée.

Art. 5. La Commission d'organisation procédera, avant la première séance, à la formation du Bureau du Congrès qui comprendra des membres étrangers.

Art. 6. Le Bureau du Congrès fixe l'ordre du jour de chaque séance.

Art. 7. Le Congrès comprend des séances et des visites à des établissements scientifiques.

Art. 8. Les membres du Congrès ont seuls le droit d'assister aux séances et aux visites préparées par la Commission d'organisation, de présenter des travaux et de prendre part aux discussions.

Les délégués des administrations publiques françaises et étrangères jouiront des avantages réservés aux membres du Congrès.

Art. 9. Les mémoires qui serviront de point de départ à la discussion devront être communiqués à la Commission avant le 15 avril 1900.

Art. 10. La durée des communications ne pourra excéder vingt minutes.

Art. 11. Les membres du Congrès qui auront pris la parole dans une séance devront remettre au Secrétaire, dans les vingt-quatre heures, un court résumé de leurs communications, pour la rédaction des procès-verbaux. Dans le cas où ce résumé n'aurait pas été remis, le texte rédigé par le Secrétaire en tiendra lieu, ou le titre seul sera mentionné.

Art. 12. La Commission d'organisation pourra demander des réductions aux auteurs des résumés: elle pourra effectuer ces réductions ou décider que le titre seul sera inséré, si l'auteur n'a pas remis le résumé modifié en temps utile.

Art. 13. Les procès-verbaux sommaires seront imprimés et distribués aux membres du Congrès, le plus tôt possible après la session.

Art. 14. Indépendamment de ces procès-verbaux, chaque membre du Congrès recevra un volume publié par les soins de la Commission d'organisation. Ce volume comprendra les mémoires et communications dont la Commission aura décidé la publication.

Art. 15. Le Bureau du Congrès statue en dernier ressort sur tout incident non prévu au Règlement.

Toutes les communications relatives au Congrès doivent être adressées à M. Adrien Blanchet, Secrétaire de la Commission d'organisation, boulevard Péreire, 154, Paris.

Segue-se o *Programme*:

I. — NUMISMATIQUE ANTIQUE.

1. Ordre géographique à suivre dans la description générale des monnaies du monde antique. Imperfection de l'ordre adopté par Mionnet. Peut-on y remédier sans bouleverser toute l'économie du système?
2. État actuel de la Numismatique celtibérienne.
3. Discuter les théories diverses sur l'introduction des statères de Philippe en Gaule.
4. Étudier les noms inscrits sur les monnaies gauloises.
5. Peut-on accepter intégralement la classification actuelle des monnaies de l'Étrurie?
6. Classement chronologique et géographique des monnaies frappées par les Carthaginois.
7. Rechercher les premiers portraits qui figurent sur les monnaies antiques de la Grèce.
8. Étudier les monnaies lyciennes au point de vue de l'origine et du sens des types monétaires.
9. Rechercher comment le type monétaire sassanide a pénétré dans le monnayage indien et quels sont les princes qui l'ont adopté.
10. Rechercher l'époque probable des monnaies en bronze, bilingues (en caractères chinois et kharoshthi) qui ont été récemment trouvées en Kachgarie.
11. Rechercher l'influence des types monétaires grecs sur ceux de la République romaine.
12. Discuter les explications proposées au sujet des monnaies de restitution.
13. Étudier les difficultés de l'histoire numismatique du règne de Gallien.
14. Étude sur les moules monétaires en terre cuite; liste complète des trouvailles de cette nature et relevé des monnaies moulées ou surmoulées dans l'antiquité.
15. Étude des monnaies barbares: 1^{re} imitées des types grecs et romains; 2^{re} présentant des types originaux. Leur importance pour l'histoire de la civilisation, au point de vue technique et esthétique.

II. — NUMISMATIQUE DU MOYEN ÂGE ET MODERNE.

16. Peut-on proposer actuellement une nouvelle explication relative à l'organisation des ateliers monétaires mérovingiens?
17. Rechercher si l'examen du titre du métal des monnaies carolingiennes peut fournir des renseignements utiles au classement des espèces sorties d'un même atelier.
18. Comment le *jus monetæ* a-t-il été exercé par les premiers Capétiens?
19. Signaler les monnaies citées dans des documents du moyen âge et non retrouvées.

20. Signaler les documents monétaires conservés dans les établissements publics ou privés.

21. Déterminer les raisons économiques qui ont fait pénétrer l'or arabe en Europe, à l'époque des Croisades.

22. Emprunts de types monétaires faits par la France aux pays voisins et réciproquement à diverses époques. Montrer l'intérêt de la question au point de vue des relations politiques et économiques.

23. Rapport du marc de Cologne avec les différents marcs de France et d'Angleterre.

III. — NUMISMATIQUE CONTEMPORAINE ET QUESTIONS MONÉTAIRES.

24. Examen critique et comparatif des types figurés sur les monnaies actuellement fabriquées par les divers États. En déduire des règles générales pour la composition de sujets historiques et allégoriques, à la fois esthétiques et intelligibles.

25. De l'utilité des différents apposa sur les monnaies. Y a-t-il lieu de les conserver à notre époque?

26. Recherches sur les contremarques monétaires depuis l'origine jusqu'à nos jours. Recueil des documents qui font mention de ces signes.

27. Existe-t-il en Allemagne des documents concernant l'invention par le mécanicien d'Augsbourg dit «Chevalier du Saint-Sépulcre», des procédés mécaniques de fabrication monétaire, introduits en France sous Henri II et employés à Paris à la Monnaie des Étuves ou du Moulin?

28. Étudier les moyens les plus efficaces pour combattre la contrefaçon des monnaies anciennes. Indiquer les mesures de répression que les divers gouvernements pourraient prendre contre les faussaires.

IV. — MÉDAILLES ET JETONS.

29. De l'imitation par les graveurs étrangers, particulièrement en Belgique, des sujets allégoriques représentés sur les médailles françaises du XVIII^e siècle.

30. Rechercher les jetons français des XVI^e et XVII^e siècles, frappés dans d'autres ateliers monétaires que Paris.

31. Classement des jetons de la maison d'Anjou; rechercher ceux qui ont été frappés en Anjou et en Provence et ceux qui sont de fabrique italienne.

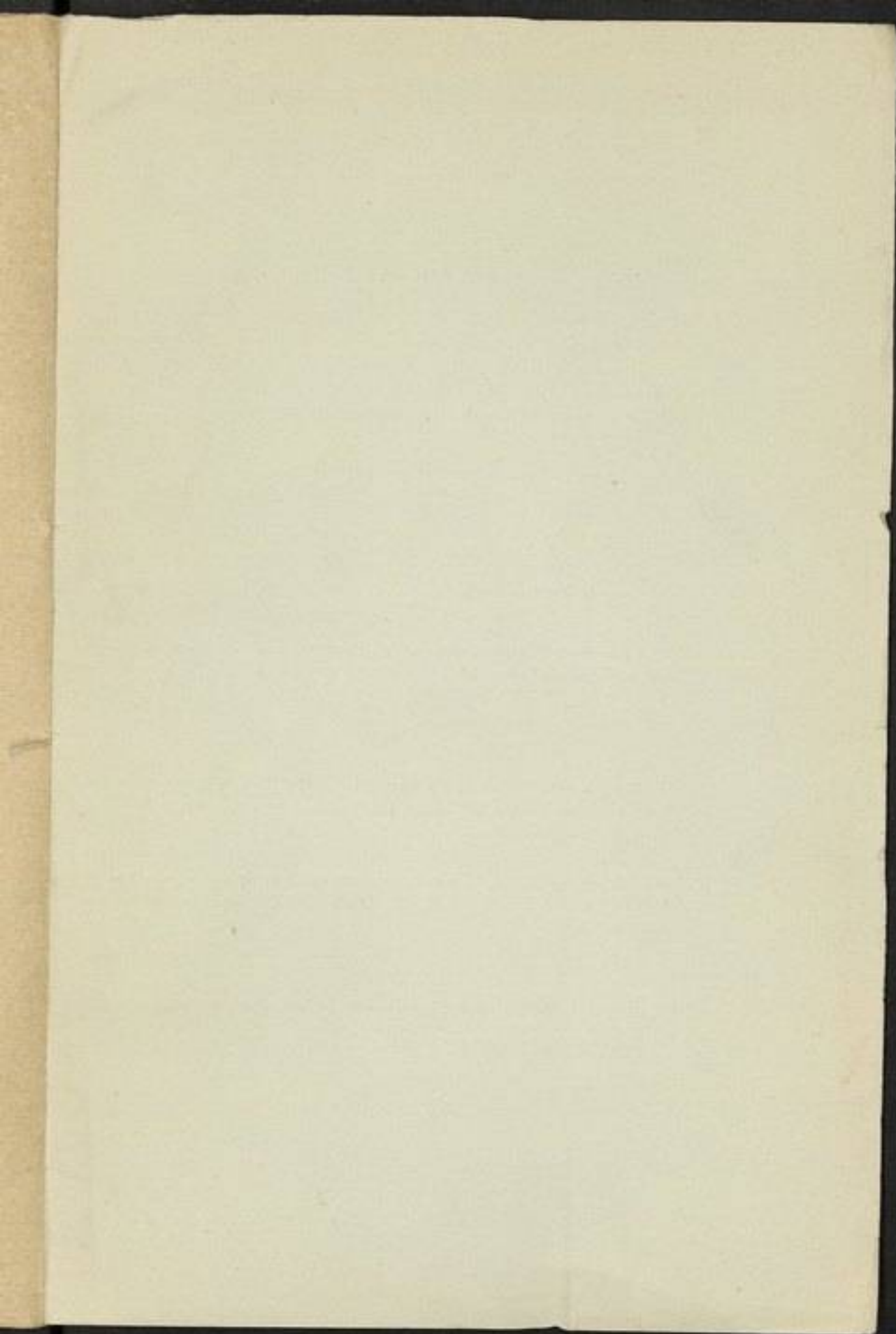
V. — QUESTIONS DIVERSES.

32. Bibliographie numismatique. Dresser pour chaque pays une liste des catalogues imprimés des collections publiques de monnaies et médailles. Signaler les collections publiques dont il n'existe aucun catalogue.

33. Quels sont les ouvrages généraux dont la publication rendrait plus facile l'étude de la Numismatique.

Est-il possible d'établir des rapports permanents entre les sociétés numismatiques des divers pays?

J. L. DE V.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

